

Imagem de FH melhora junto aos ricos

Neste ano teremos eleições para presidente da República. Se as eleições fossem hoje, o(a) Sr.(a):

Resposta	Regiões - %								Grau de instrução - %								Renda familiar - %									
	Norte/Centro-Oeste		Nordeste		Sudeste		Sul		Até primário completo		Ginásio completo e incompleto		Colegial incompleto e completo		Superior incompleto e mais		Até 1*		De 1 a 2*		De 2 a 5*		De 5 a 10*		Mais de 10*	
	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98	Out/97	Jan/98
Votaria em Fernando Henrique para presidente	52	44	55	43	38	38	47	39	50	44	45	38	40	35	35	40	57	44	49	44	43	37	45	41	39	41
Votaria em outro candidato	30	37	30	32	43	35	38	38	31	28	41	37	42	44	47	41	24	27	36	30	40	40	40	37	44	38
Não sabe/não opinou	19	19	15	25	19	28	15	32	19	28	14	24	17	21	18	19	19	29	15	26	17	24	15	23	16	21

Fonte: Ibope/CNI, base: 2000 pessoas. * Em salários mínimos.

FH aproxima-se dos ricos e escolarizados

Perfil de candidatos dos grotões altera-se desde a crise das bolsas e a edição do pacote fiscal do governo

Maria Cristina Fernandes
de São Paulo

A crise mundial das bolsas e o subsequente pacote de medidas editado pelo governo federal recuperou a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso junto ao eleitorado de melhor poder aquisitivo, maior ní-

vel de escolaridade e morador das capitais do Sudeste.

Este é um dos aspectos que passaram despercebidos na última pesquisa do Ibope divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) na última sexta-feira. O fôlego que o presidente desfrutava junto aos eleitores

de baixa renda e escolaridade dos grotões desde a campanha de 1994 migrou para pólo inverso do eleitorado no prazo de três meses desde a última pesquisa do Ibope. Fernando Henrique continua a ter a aprovação de, no mínimo, 35% dos seus eleitores, seja qual for a faixa de renda, escolaridade ou região. Mas a pesquisa do Ibope sinaliza que a crise aproximou-o dos ricos e afastou-o dos pobres.

Rubens Figueiredo, diretor do Cepak, instituto responsável pela análise qualitativa da pesquisa, a interpreta da seguinte maneira - "Vendo a moeda ameaçada, o eleitor de classe média que tinha trocado de carro e já começava a se queixar por não poder fazer uma viagem com a família, deu-se por satisfeito com o carro novo e decidiu demonstrar apoio mais firme à manutenção do plano". O eleitor de mais baixa renda, diz Rubens Figueiredo, teve mais dificuldade em aceitar que, por conta de uma crise nas bolsas no outro lado do mundo, o juro de seu crediário tivesse que subir.

A maior queda na popularidade do presidente deu-se na faixa de eleitores que ganha até um salário mínimo. Nessa faixa, os reeleitores de FH de-

cresceram de 57% - o maior índice alcançado pelo presidente em outubro entre todos os segmentos de renda - para 44% em janeiro. O presidente é o candidato de 41% dos eleitores que ganham mais de dez salários mínimos. Em outubro este patamar era de 39%. Mais significativo do que estes dois pontos percentuais é a diferença de intenção de voto daqueles que votariam num adversário de Fernando Henrique. Na faixa de maior escolaridade, 38% se dizem dispostos a votar num adversário do presidente. Em outubro 44% diziam o mesmo.

Em relação ao grau de instrução, o presidente ganhou, proporcionalmente, tantos eleitores entre os que já frequentaram universidade quanto perdeu entre aqueles que têm menos de quatro anos de estudo. Hoje FH é o candidato de 40% dos eleitores de grau superior (eram 35% em outubro) e de 44% daqueles que cursaram o primário (eram 50% em outubro).

Na distribuição geográfica do seu eleitorado, o presidente perdeu pontos em todas as regiões, à exceção do Sudeste, onde ficou empatado, entre outubro e janeiro, em 38% dos votos. A maior queda deu-se no Nordeste, re-

gião em que seus eleitores decresceram de 55% para 43%. Igualmente significativa foi a queda no Sudeste do número de eleitores dispostos a votar num adversário do presidente da República. Em outubro, um candidato de oposição teria chances de receber os votos de 43% dos eleitores do Sudeste. Em janeiro apenas 35% do eleitorado da região se disseram dispostos a votar na oposição.

Entre as rodadas de outubro do ano passado e de janeiro último da pesquisa do Ibope, acentuou-se a indefinição do eleitorado. As faixas do eleitorado em que o presidente Fernando Henrique perdeu votos foram também aquelas em que aumentou o número de indecisos desde o início da crise mundial das bolsas e a edição do pacote fiscal. Estes eram 19% dos eleitores do Sudeste e hoje são 28%. A mesma evolução percentual deu-se entre os eleitores com até quatro anos de escolaridade. É no eleitorado que ganha menos de um salário mínimo que hoje há o maior número de indecisos - 29% (eram 19% em outubro). Até entre os mais abastados aumentou o número dos desnorreados pela crise - de 16% para 21% dos eleitores.